

**UM PADRE MAÇOM EM TERRAS ULTRAMONTANAS.
A TRAJETÓRIA DE EUTÍQUIO PEREIRA DA ROCHA ENTRE A
BAHIA E O PARÁ (1820 – 1880)**

**UN SACERDOTE MASÓN EN ULTRAMONTANAS TIERRAS. LA
TRAYECTÓRIA DEL EUTÍQUIO PEREIRA DA ROCHA, ENTRE
LA BAHÍA Y EL PARÁ (1820-1880)**

Kelly Chaves Tavares¹

Resumo

Este artigo pretende discutir acerca da trajetória de Padre Eutíquio Pereira da Rocha, um padre nascido na Bahia que construiu uma peculiar carreira clerical em Belém do Pará no século XIX. A investigação pretende demonstrar como este padre negro entendia o universo religioso e o civil, observando de que maneira aliou seu pensamento e ações políticas para construir relações sociais na Igreja, na redação dos jornais, nas lojas maçônicas, assim como os outros padres que tinham atividades semelhantes e relações próximas com ele. Exemplos foram o Cônego Ismael Nery e os padres Manoel Espíndola, Egues e Félix Vicente Leão, que assim como ele também se posicionaram contra o modelo diocesano ultramontano do bispo D. Antônio de Macedo Costa.

Palavras-chave: Biografia; Maçonaria; Belém; século XIX.

Abstract

This article will discuss about the trajectory of priest Eutíquio Pereira da Rocha. A priest born in Bahia who built a special clerical career at Belém of Pará in the 19th century. The research aims to demonstrate how this black priest understood the religious universe and the civil noting how allied his thought and political actions to build social relationship in the Church, in the writing of newspapers, at Masonic lodges. Along with the other priests who had similar activities and close relationship with him. Example were the Canon Ismael Nery and the priests Manoel Espíndola, Egues and Félix Vicente Leão well as Eutíquio also was position against the diocesan model of Bishop Antonio de Macedo Costa.

Keywords: Biography; Freemasonry; Belém; 19th century.

Resumen

Este artículo tratará sobre la trayectoria del sacerdote Eutíquio Pereira da Rocha. Un sacerdote nascido en la Bahía quien construyó una carrera clerical especial en Belém del Pará, em el siglo XIX. La investigación apunta a demostrar cómo este sacerdote negro había entendido el universo religioso y civil observando como su pensamiento y acciones políticas había construído las relaciones sociales em la iglesia, en la redacción de los periódicos, en las logias masónicas junto con los otros sacerdotes que habían actividad similares y estrecha relación com él. Ejemplo fueron lo Cônego Ismael Nery y los sacerdotes Manoel Espíndola, Egues y Félix Vicente Leão. Así cómo Eutíquio también fue su posición contra el modelo diocesano del Obispo Antonio de Macedo Costa.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA. Desenvolve uma biografia do padre Eutíquio Pereira da Rocha como tema de dissertação de mestrado, que é orientada pela Prof.^a Dr.^a Magda Oliveira Ricci. A pesquisa que deu origem a este artigo contou com bolsa de financiamento da CAPES/Cnpq. E-mail: kellytavareshist@gmail.com.

Palabras clave: Biografia; Masonería; Belém; siglo XIX.

“Em 1866, introduz-se no campo político da Amazônia o elemento clerical. Por Portaria de 31 de julho resolveu o Diocesano exonerar o padre Eutychio Pereira da Rocha, o cônego Ismael de Senna Ribeiro Nery e o padre Manoel Spíndola do Seminário Episcopal. A suspensão era por tempo de um ano, mas passaram muitos, tantos quanto viveram ainda Eutychio e Ismael, sem que fossem aliviados da pena fulminada, atribuída à autoria de um ou mais artigos publicados na imprensa liberal (...)”. (ALMEIDA, 1942, p.427)

Essa passagem da autobiografia do articulista e político paraense Tito Franco de Almeida faz referência aos fatos ocorridos na vida política da província do Pará no ano de 1866. O articulista proprietário do jornal *O Liberal do Pará* menciona o episódio da expulsão de padres maçons seguidores do liberalismo do seminário episcopal. Cerca de um mês depois o bispo Dom Antônio de Macedo Costa suspendeu definitivamente os três sacerdotes do exercício religioso.

O presente relato contido na autobiografia de Tito Franco de Almeida foram as poucas referências conhecidas sobre a atuação política do clero paraense na segunda metade do século XIX, em especial sobre a presença de um padre negro e maçom chamado Eutíquio Pereira da Rocha, na igreja e na vida política do Pará. Um religioso formado na Bahia e que em Belém construiu uma singular carreira clerical envolvendo-se com a política partidária, flertando com sociedades maçônicas, assumindo-se como defensor da liberdade de consciência diante do controle dos bispos romanizadores sobre a comunidade católica e sobre a própria maneira de experimentar a religião. Padre Eutíquio teve relações próximas com outros segmentos religiosos como os protestantes, embora essas relações também não escapassem aos conflitos.

O objetivo deste artigo é investigar a presença dele no âmbito político e religioso para além do ano de 1866, ou seja, para além dos episódios da sua expulsão da Igreja paraense, fatos bastante discutidos na historiografia sobre a romanização da Amazônia. Por meio de um estudo do gênero biográfico, cuja periodização compreende o ano de 1820 e vai até 1880, observaremos sua trajetória em contextos socioespaciais distintos, a Bahia, onde nasceu e construiu sua carreira eclesiástica na primeira metade do século XIX; e o Pará, onde consolidou essa carreira aliando-a também à atuação política, tornando-se uma personagem bastante popular na segunda metade dos oitocentos.

Da Bahia ao Pará: a trajetória de Padre Eutíquio Pereira da Rocha

Nascido em Salvador em 1820, filho natural da crioula Joaquina Osana de Sant'Ana¹, o jovem Eutíquio residiu durante sua infância na freguesia da Sé. Em seu processo de habilitação ao sacerdócio não consta sua filiação paterna, apenas constam o nome da mãe e avós maternos. Possivelmente, nascera de mãe negra e temos razões para crer que Joaquina era livre, pois, não constam nomes de senhores nas inquirições familiares presentes no processo. A opção do jovem Eutíquio pelo sacerdócio fora despertada ainda na infância e talvez, uma escolha motivada pela afinidade com as coisas da fé ou apenas uma maneira de superar a pobreza. A cor de sua pele foi motivo, já em sua vida adulta, de preconceito e menção a um passado de escravidão, uma vez que durante as brigas com os bispos, estes sempre se referiam a ele como o “Cônego africano”, como forma de tratá-lo como um cidadão de segunda classe. Diante das afirmações pejorativas sobre sua cor, Eutíquio em contrapartida debochava do preconceito que lhe era dirigido se autoproclamando nos jornais ser “um negro arrojado e atrevido, (...) seja esse (...) como nós (*filho* ou *neto* de africano)”².

Por volta de 1829, em arrolamento de testemunhas feito na Igreja da Matriz do Passo, quatro padres seculares serviram em seu Alvará de Publicandis, e todos declararam que em sua família não havia nenhum fato escandaloso que pudesse desabonar sua conduta enquanto habilitando ao sacerdócio. Curioso notar que em seu processo não há referência a seu genitor, possivelmente, Eutíquio era um filho ilegítimo, fato que se verdadeiro contrariava as disposições aos habilitandos ao sacerdócio, a qual regia que apenas poderiam receber as Ordens Menores os filhos nascidos do matrimônio.

Apesar disto, foi dada sentença favorável pelo Cônego José Cardoso Pereira de Mello em 1830, tendo ingressado no instituto religioso após longo processo de habilitação às Ordens Menores. Vale lembrar que em seu processo *Vita et Moribus* é ressaltada a ênfase em atender “a necessidade que tem o Arcebispado de operários para o serviço de suas Igrejas”, sendo esse aumento do número de sacerdotes para a fé católica se fazer presente nos recônditos da província, uma das demandas ocorridas no processo de romanização na América Latina (LYNCH, 2001, p. 419).

Ainda na Bahia, viveu como padre secular e mestre escola nos liceus baianos até o ano de 1851 quando se transferiu para Belém (VIEIRA, 1980, p. 279). Neste ano, padre Eutíquio, é enviado ao Pará pelo Cônego Provisor, José Cardoso Pereira de Mello, para ministrar o ensino de Instruções Canônicas no Seminário de Belém criado no mesmo ano através do decreto provincial n.839. Relatos de seu amigo, o senador José Furtado, nos informa sobre os motivos da vinda de padre Eutíquio para o Pará e as atividades exercidas por ele em sua chegada.

“este distinto sacerdote foi a pedido do finado bispo D. José, mandado pelo finado arcebispo da Bahia, conde de Santa Cruz, para ensinar instruções canônicas no seminário de Belém, e ensinava desde 1852 ou 1853”³.

Raymundo Maués destaca que logo que chegou a Belém, ele exerceu a direção do convento carmelita (MAUÉS, 1999, p.127). Além da referência deste autor não encontramos em nossa documentação alusão a esta atividade.

Em 1852, enquanto exercia o magistério eclesiástico, padre Eutíquio demonstrou a força que a ideologia ultramontana teve em sua formação. Seu reclamo pela independência da igreja tornou inflamável uma peleja envolvendo o bispo D. Afonso Torres em uma acusação de “excesso” de autoridade, dada por ter suspenso três sacerdotes do ministério da confissão, contrariando as disposições civis do Código de Processo Criminal e da Resolução de 5 de julho de 1830, que conferia liberdade aos bispos a nomear e destituir apenas secretários e escrivães das Câmaras eclesiásticas. Um deles, o padre Lázaro Pinto Moreira Lessa, considerando a pena injusta redige um recurso à Coroa, que chegando às mãos do bispo, este profere o seguinte despacho:

“e entregue pelas onze horas do dia na Câmara Eclesiástica para ser lavrado o termo de Recurso pedido, mandou-a S. Exc. Rvma. pedir ao Cônego Escrivão a uma hora da tarde, e no dia seguinte reenviou lhe cancelado aquele despacho”⁴.

Padre Eutíquio toma partido na contenda e escreve um artigo para o jornal *Trombeta do Santuário* saindo em defesa do Diocesano envolvido na referida contenda. Por sua vez, os cônegos Eugênio de Oliveira Pantoja, João Carlos d’ Oliveira Pantoja e Lázaro Pinto Moreira Lessa direcionaram uma petição ao Juiz Municipal queixando-se do artigo escrito pelo padre Eutíquio que acabara de sair no jornal *Trombeta do Santuário*.

Nela, os religiosos afirmavam que o padre os infligira graves injúrias e o acusavam de instigar o ódio do Prelado contra eles, além disso, denunciavam que o padre e o bispo sustentavam doutrinas subversivas que “contrariavam a Constituição e as Leis do Império”⁵. O jornal enunciava o profundo desejo de que o artigo de Eutíquio

fosse lido fora da província do Pará, e que chegasse especialmente nas mãos do Ministro da Justiça, autoridade poderia fazer “fazer justiça” às ideias “do sedição apóstolo ultramontano”⁶, conforme as palavras do articulista.

É interessante notar que padre Eutíquio é apontado como um arauto do ultramontanismo. Em plena década de 1852, aproximadamente com poucos meses de estadia no Pará, temos razões para apontar que é muito presente nele a herança da tradição ultramontana de D. Romualdo Seixas, que se configurou como um revolucionário à época dentre os bispos brasileiros. Forjado nesta tradição, as teses sobre a autonomia da igreja nas matérias de fé do padre Eutíquio encontraram acomodação à concepção igualmente ultramontana de D. Afonso Torres, herdeira dos lazaristas de Caraça, havendo nisto uma sintonia em suas formações.

Segundo Allan Andrade, o bispo do Pará buscou certa autonomia da Igreja diante do poder do Imperador (ANDRADE, 2013, p. 19). Porém, cabe ressaltar que seus reclames pela independência da igreja mantinham certas acomodações diante da secular instituição do Padroado Régio.

Em pleno ano de 1852, padre Eutíquio exigia a liberdade da igreja com a extinção do Padroado. Seu suporte ideológico advinha da filosofia e da Maçonaria, que promoviam um ecletismo às suas ideias religiosas. A Maçonaria, em especial, se configurava em um reduto de críticos da Igreja que apoiavam o argumento da independência entre poder eclesiástico e poder civil. Segundo Fernando Neves, a subordinação da Igreja ao Estado não atendia às prerrogativas da romanização, uma vez que existiam na maçonaria as teses sobre o livre-arbítrio da separação entre as duas instituições (NEVES, 2015, p. 124).

Portanto, exercendo funções sacramentais do cotidiano do sacerdócio como missas conventuais, nas festas de santo e batismos na freguesia da Sé, padre Eutíquio circulava entre os populares e a elite ilustrada e política da província. Seu prestígio crescera devido à realização de batismos de filhos naturais de escravas e dos nascidos da elite. Em 1853, batizara o filho de Tito Franco de Almeida, político liberal e maçom da capital. Alguns anos depois, em 1859, é nomeado mordomo da irmandade da Colônia de Nossa Senhora do Ó, travando relações com o liberal José da Gama Malcher, um dos nomes da elite a apoiar a fundação da colônia.

Em fins da década de 1850 filiou-se ao Partido Liberal e participava ativamente da vida política, elegendo-se vereador em Belém nos anos de 1857 a 1860, 1861 a 1864, 1865 a 1868 e 1876 a 1879, um total de quatro legislaturas consecutivas (VIEIRA,

1980, p. 279). Era membro da Maçonaria, sendo iniciado na Loja Capitular⁷ Harmonia edificada em Belém em 28 de março de 1857.

Alguns anos após sua iniciação, ele tornou-se um dos maçons mais proeminentes da Província. Destacava-se como semeador de lojas e um propagandista da causa maçônica (CASTELLANI, 1996, p.56). Aliás, no Brasil havia grande tendência no século XIX de os padres se filiarem a sociedades maçônicas, e entre o clero paraense era considerável a participação de clérigos nas sociedades de pedreiros-livres. Félix Vicente Leão e o cônego Ismael Nery eram dois dos conhecidos padres maçons da capital e atuavam escrevendo nos periódicos e ministrando o ensino em escolas custeadas pela Maçonaria.

O depoimento retirado de um trecho da carta escrita pelo padre Eutíquio no correr da década de 1870 sobre os motivos que o levaram a se filiar a Maçonaria é dado da seguinte forma:

“que sou maçom não é preciso dizê-lo; ninguém o ignora porque, se não fazia alarde desta honra, não me escondia nem disfarçava para entrar na oficina. (...) Iniciei-me, sem que para isso fizesse esforços nem pedisse. Amigos apresentaram-me, e eu acedi aos seus desejos; queria também, julgar por mim, da verdade das acusações feitas a esta instituição”⁸.

Provavelmente o amigo que o apresentou à Maçonaria fosse o cônego Ismael de Sena Ribeiro Nery, que em 1855, tornou-se Cônego da Igreja da Sé, e no dia 20 de março do mesmo ano foi nomeado Reitor do Seminário de Belém substituindo o padre Clementino José Pinheiro (RAMOS, 1952, p. 41).

O cônego Ismael Nery conheceu o padre Eutíquio ainda na Bahia, na redação do O Noticiador Católico, jornal publicado pelo arcebispado. Desta convivência supomos que padre Eutíquio já ouvira falar sobre a capital amazônica, e uma vez decidido a vir morar em Belém provavelmente o cônego tenha aproximado o padre com o universo da Maçonaria, uma vez que Nery foi também iniciado antes e já morava em Belém enquanto Eutíquio se ordenava padre em Salvador. Esses laços de amizade duraram muitos anos, especialmente, após o afastamento das ordens sacras. Conforme aponta David Vieira, o “cônego Ismael Nery foi grande companheiro de padre Eutíquio em sua luta contra o bispo D. Macedo Costa” (VIEIRA, 1980, p.176).

Marcado por esse *habitus* no clero paraense, o padre negro tinha uma ativa “vida política” como vereador, professor de Filosofia no Seminário Episcopal, importante membro da maçonaria, e por isso exercia grande influência na vida política da capital Belém, inclusive sobre a oligarquia política. A carta do deputado Tito Franco de

Almeida lida em sessão da câmara dos senadores no dia 25 de maio de 1858 nos traz referência a diversas posturas políticas assumidas pelo governo em relação ao clero no Pará.

“dos lentes do seminário só o governo concedeu vitaliciedade aos três seguintes que são liberais: padre Eutychio, padre Barreto e Padre Manuel”⁹.

Isso demonstra que o clero paraense estava cada vez mais dividido por diferentes facções políticas e ideológicas, com padres militantes no Partido Conservador e Liberal. Os polêmicos artigos de Eutíquio eram escritos em jornais de tendência liberal como *Trombeta do Santuário*, *Jornal do Amazonas* e *O Liberal do Pará* e também em órgãos da maçonaria como o periódico *O Santo Ofício* e *O Pelicano*, estes jornais serão os arautos do pensamento liberal/maçônico a se dirigir após 1861, contra o bispo D. Antônio de Macedo Costa.

Após a renúncia de D. Afonso Torres em 1857 a diocese do Pará entra em estado de vacância. Em 24 de julho de 1861, nomeado pelo imperador D. Pedro II, o bispo D. Antônio de Macedo Costa assume a diocese do Pará (AZZI, 1977, p. 22). Logo que chegou à Belém, o bispo notara que o clero paraense participava muito da política partidária, sendo assim, o bispo temia que esses padres deixassem as funções do sacerdócio de lado. A maioria dos padres possuía formação intelectual influenciada pelas ideias regalistas, galicanas e liberais (MAUÉS, 1999, p.121). Segundo relato do senador José Furtado, o bispo recém-chegado D. Macedo Costa tinha boas relações com o padre Eutíquio chegando mesmo a consultá-lo sobre seus escritos. Porém, o sentimento de concórdia durou pouco tempo, em parte provocada pelas atitudes do padre em relação ao bispo.

“O Padre Eutychio, porém, apesar de sua cortesia, não era um lisonjeiro, e tinha idéias políticas diversas do seu prelado (...)”¹⁰.

As ideias políticas foram o estopim para tornar adversários padre e o novo bispo, melhor dizendo, padres e bispo, pois, muitos deles foram objetos da censura de Dom Macedo Costa, primeiramente por fazerem parte da Câmara dos Vereadores.

Esse contexto tenso na igreja paraense é o que Raymundo Maués denomina de “campo religioso em conflito”, marcado pela presença de padres que aderiram à causa ultramontana mantendo-se fiéis a D. Macedo Costa, e padres que não aceitaram o modelo diocesano ultramontano europeu e posicionaram-se contra os mandos e desmandos do bispo. Os mais proeminentes foram o padre Eutíquio, Félix Vicente Leão, Cônego Ismael Nery, Manoel Espíndola e o padre Egues.

Diante das pressões do bispo e a recusa do padre mestre Eutíquio a deixar a Maçonaria, D. Macedo Costa o exonera do Seminário Episcopal através da Portaria de 3 de julho de 1866 junto com o cônego Ismael Nery e o padre Manoel Espíndola. Eles eram os lentes das respectivas cadeiras de Direito Canônico, Filosofia e Retórica. E poucas semanas depois o bispo suspende *ex-informata conscientia* os três sacerdotes do exercício religioso com o Ato de 7 de agosto de 1866 (ALMEIDA, 1942, p. 427).

Com sua saída da igreja paraense, os embates nos jornais tornaram-se constantes, criando uma espécie de “polêmica ritualizada”, com D. Macedo Costa com seus estudos feitos na Europa nos seminários franceses tinha em no filósofo padre Eutíquio um sério adversário, fato que era conhecido de todos devido ao tom dos artigos publicados por eles.

Em artigo publicado no jornal católico A Boa Nova, o bispo escreve em 25 de janeiro de 1873 sobre o envolvimento dos católicos com a maçonaria,

“que tem os compromissos do batismo com a maçonaria? A resposta a esta pergunta do papel maçônico não é difícil. Pelo batismo ficamos pertencentes à Igreja, que é uma sociedade divinamente instituída por Jesus Cristo, da qual é chefe visível o Sumo Pontífice, a quem todos devemos obediência e respeito. Logo nenhum homem batizado pode pertencer a uma seita condenada pela Igreja sem postergar os solenes compromissos do seu batismo. Um menino aprendiz de catecismo, não diria tanta asneira, como bem ponderais, pois queres ser maçom católico é querer um circulo quadrado”¹¹.

O discurso do bispo fazia eco às condenações advindas da Encíclica “*Omni Pluribus*” de 1864, do Papa Pio IX, embora as condenações papais à maçonaria fossem muito antigas, desde o Papa Clemente XII, na bula “*In eminenti*” de 1738, Bento XIV na bula “*Provida Romanorum Pontificum*” de 1751, Pio VII na bula “*Eclesian a Jesus Christo*” de 1800, Leão XII com a bula “*Onde Graviora*” de 1823, e Pio VIII na Encíclica de 1829.

Para a hierarquia da Igreja não haveria a possibilidade de uma concepção de mundo que não fosse a católica, e uma vez sendo essa a única possível procura exorcizar outras cosmovisões temendo perder o controle sobre o mundo cristão já desestruturado pela crescente dessacralização. A suposta ameaça vinda das sociedades de pedreiros-livres consistia em seu caráter secreto, que muitos supunham certa “perfidia” em suas intenções, afinal os maçons sempre foram vistos com curiosidade e fascínio por aqueles que viam nas lojas maçônicas lugares de conspiração (NEVES, 2009, p. 298).

Padre Eutíquio também era visto pelo povo paraense como um articulador do pensamento da sociedade dos pedreiros-livres sem que para isso ele deixasse de pertencer à visão de mundo cristã, e especialmente católica. Em carta escrita em 1872, ele disserta a cerca deste assunto expondo de forma aberta sua peculiar visão de mundo.

“que dirão desta igreja a que pertenço os degenerados católicos, os servos humilíssimos do jesuíta, os bispos capachos de Loyola, os papas-cadáveres? Digam o que quiserem. Eu creio (e talvez eles riam da minha crença), creio na imortalidade da alma, na justiça de Deus e em Jesus-Cristo, e nesta fé cá os espero para o ajuste de contas”¹².

Ao mesmo tempo contestava o fundamento destas condenações vindas da hierarquia da Igreja Católica contra as sociedades maçônicas e discutia com autoridade os fundamentos da Teologia em relação aos maçons que sofreram a excomunhão, modificando o discurso recorrente na Igreja de que a excomunhão excluía o indivíduo da convivência com Deus.

“Ora, sendo sem base as excomuniões aos maçons, ficam como as excomuniões injustas, que, embora separem do corpo da Igreja o excomungado, não o separam do espírito da Igreja nem ligam perante Deus. Pode, portanto, segundo a teologia, estar no céu entre os bem aventurados tal individuo, cujo corpo seja aí atirado aos cães”¹³.

Expulso do seio da Igreja Católica desde 1866, ainda se percebia enquanto um cristão católico, e de modo bem enfático se assume como um fiel pertencente à Igreja Católica Apostólica Romana reformada, porém, pregava a não subordinação da Igreja brasileira às diretrizes de Roma.

Em suma, em pleno processo de reforma eclesial liderada por D. Macedo Costa, padre Eutíquio é o principal defensor de uma Igreja nacional totalmente avessa ao dogmatismo religioso vindo da Europa. Acreditamos que essa postura assumida em Belém foi fortemente influenciada pelos anos de formação religiosa na Bahia, herdeira da tradição do arcebispo Dom Romualdo Seixas.

Considerações finais

Afastados do convívio da Igreja, esses padres e cônegos assumiram a redação dos jornais e inflamaram a problemática questão da liberdade de consciência e a nacionalização da igreja após a Questão Religiosa de 1872, e foram além a ponto de alguns a atuarem em favor da emancipação escrava (SANTOS, 2011, p.85). Exemplo disto, está a edificação da loja maçônica Aurora em 18 de janeiro de 1873, padre Eutíquio estava presente na sessão de instalação daquela que seria uma das lojas

engajadas no processo de emancipação da escravidão, assunto que estava na ordem do dia após a promulgação da Lei do Ventre Livre, em setembro de 1871.

Na década de 70 constrói presépios natalinos em frente a sua casa, os quais eram muito admirados pela comunidade católica, e continua exercendo o magistério em estabelecimentos particulares, particularmente, educandários femininos como o Santa Maria de Belém, onde se ministrava o ensino e vivência da religião para as moças. Bastante idoso, ele continuou a experimentar a religião católica até 1880, quando ocorre sua morte. Por ocasião dela se celebraram grandes cortejos fúnebres pela cidade de Belém e seu enterramento não escapou à conflitos entre seus irmãos maçons e a alta hierarquia católica, afinal, esta após lhe negar a sepultura eclesiástica, o corpo de padre Eutíquio fora sepultado no Cemitério de Santa Izabel, em jazigo da irmandade de S. Francisco da Penitência, a mesma que sofreu interdito pelo bispo D. Macedo Costa na explosão da Questão religiosa. Diante disto, a morte do padre negro só fez reacender antigas desavenças entre a Igreja e o Estado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tito Franco de. Autobiografia do Conselheiro Tito Franco de Almeida. 1848 a 1881. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, volume 2, número 177, p. 317-507, 1942.

ANDRADE, Allan & NEVES, Fernando. Atribuições de governar espiritual e materialmente a diocese. *Revista Eletrônica Documento/Monumento*, Cuiabá, volume 10, número 1, p. 17-22, dez.2013.

AZZI, Riolando. *A crise da Cristandade e o projeto liberal: história do pensamento católico no Brasil*. São Paulo: Paulinas, volume 2, 1991.

_____. D. Pedro II e a reforma do clero do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, número 314, p. 22-44, , janeiro/ março 1977.

CASTELLANI, José. *Os maçons e a Questão Religiosa*. São Paulo: Editora A Trolha, 1996.

CENTUR. *Jornal O Liberal do Pará*. Ano 4, Pará: Tipografia do Jornal do Amazonas, 1872, número 23, 5 páginas.

CÚRIA METROPOLITANA DE BELÉM. *Jornal A Boa Nova*. Ano 3, Pará: Tipografia d' A Boa Nova, 1873, número 8, 7 páginas.

GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS. *Jornal O Velho Brado do Amazonas*. Pará: Tipografia de José Estevão Guimarães, 1852, número 127, 6 páginas.

_____. *Jornal O Velho Brado do Amazonas*. Pará: Tipografia de José Estevão Guimarães, 1852, números 131 e 132, 8 páginas.

HEMEROTECA BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal O Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil*. Ano 9, Rio de Janeiro, 1880, número 9, 400 páginas.

LABORATÓRIO EUGÊNIO VEIGA. *Processo Vita et Moribus de Eutychio Pereira da Rocha*. Bahia: Arquidiocese de Salvador, 1830, 26 páginas, (folha 16).

LYNCH, John. *A Igreja Católica na América Latina, 1830 – 1930*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina, volume IV: de 1870 a 1930*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

MAUÉS, Raymundo H. *Uma “outra” invenção da Amazônia. Religiões, Histórias e Identidades*. Belém: Cejup, 1999.

MONTEIRO, Élson R. *A Maçonaria e a Campanha Abolicionista no Pará*. São Paulo: Editora Madras, 2012.

NEVES, Fernando A. Freitas. *Solidariedade e Conflito: Estado Liberal e nação católica no Pará sob o Pastorado de Dom Macedo Costa*. 2009. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. *Cronologia Eclesiástica da Amazônia*. Belém: Secult, 1952.

SANTOS, João. *A Romanização da Igreja Católica na Amazônia (1840-1880)*. HOONAERT, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia: ensaios de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SENADO FEDERAL. *Anais do Senado do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, volume 2, 1869, 370 páginas.

VIEIRA, David G. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980.

NOTAS

¹ LABORATÓRIO EUGÊNIO VEIGA. *Processo Vita et Moribus de Eutychio Pereira da Rocha*. Bahia: Arquidiocese de Salvador, 1830, 26 páginas, (folha 16).

² CENTUR. *Collaboração XXI*. In: *Jornal O Liberal do Pará*. Ano 4, Pará: Tipografia do Jornal do Amazonas, terça feira 30 de janeiro de 1872, número 23, p.6.

³ SENADO FEDERAL. *Anais do Senado do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, volume 2, 1869, p. 212.

⁴ GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS. *Jornal O Velho Brado do Amazonas*. Pará: Tipografia de José Estevão Guimarães, domingo, 23 de maio de 1852, número 127, p.1

⁵ GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS. *Jornal O Velho Brado do Amazonas*. Pará: Tipografia de José Estevão Guimarães, sábado, 19 de junho de 1852, números 131 e 132, p 1.

⁶ *Ibidem*, p. 1

⁷ Segundo Élson Monteiro uma loja chamada de “Capitular” é uma loja dedicada aos estudos dos altos graus da Maçonaria. Segundo o rito, nessas lojas o membro maçom realiza sua preparação para os chamados de graus filosóficos (que vão do grau quatro aos trinta e três) até alcançar o posto mais importante, o terceiro grau, o grau de mestre. Sobre isso ver MONTEIRO, Élson. *A Maçonaria e a Campanha Abolicionista no Pará, 1870-1888*. São Paulo: Madras, p. 71, 2012.

⁸ HEMEROTECA BIBLIOTECA NACIONAL. Profissão de fé do Padre Eutíquio. In: Jornal O Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil. Ano 9, Rio de Janeiro, 1880, número 9, p. 348.

⁹ SENADO FEDERAL. Anais do Senado do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, volume 2, 1869, p. 212.

¹⁰ *Ibidem*, p. 212.

¹¹ CÚRIA METROPOLITANA DE BELÉM. Crônica Urbana. In: Jornal A Boa Nova. Ano 3, Pará: Tipografia d' A Boa Nova, sábado, 25 de janeiro de 1873, número 8, p. 3.

¹² HEMEROTECA BIBLIOTECA NACIONAL. Profissão de fé do Padre Eutíquio. In: Jornal O Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil. Ano 9, Rio de Janeiro, 1880, número 9, p. 349.

¹³ *Ibidem*, p.349.